PLACAR

EDIÇÃO ESPECIAL Nº 2 JUNHO DE 1994 3,00 URV'S

- AS CORES DO CARNAVAL BRASILEIRO EM SÃO FRANCISCO
- O RAIO-X DO PRÓXIMO ADVERSÁRIO
- O TABELÃO E AS IMAGENS DA COPA

BRASIL É PURA FESTA

Brasil 3 x 0 Camarões. Não estamos com

vamos falar nada porque a boca cheia.

O JOGO DE DUNGA

Respeito é bom e a gente gosta

Jogando com bravura, a Seleção Brasileira goleia Camarões e garante sua classificação para a Segunda Fase, tendo no polêmico volante o símbolo de sua alma vencedora

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Bebeto lutou durante todo o tempo e acabou recompensado com a marcação de seu primeiro gol em Copas

Romário coloca por baixo do goleiro

Por Juca Kfouri, enviado especial a São Francisco

Foto de capa: Reuter

Bell com um toque malandro e abre o caminho para a vitória sobre Camarões: um artilheiro especialista em marcar gols no momento certo

Dunga. O jogo tinha um nome antes de começar. "Vamos partir para cima deles, acuá-los. Na primeira dividida temos de entrar rachando, mostrar que o campo tem dono", ele dizia. Bons propósitos. A imprensa americana, no entanto, tinha outra perspectiva. Seria o jogo dos sonhos, o jogo da mais pura arte e do gol como consequência de duas escolas que só pensam nisso.

Dunga e os americanos estavam enganados. Na primeira dividida Dunga se deu foi muito mal, quase nocauteado ao receber uma cabeçada do camaronês Foe, e nada indicava que os africanos iriam respeitar o futebol tricampeão mundial.

Quem, com justo romantismo, foi ao estádio de Stanford ver um jogo empolgante também se decepcionava. Tanto que o primeiro chute a gol foi numa cobrança de falta por parte de Camarões. E aos 19 minutos! O Brasil só chutaria, por acaso, numa tentativa de cruzamento de Jorginho que resvalou num defensor africano e acabou nas mãos do goleiro Bell, aos 24 minutos.

O jogo dos sonhos era uma autêntica demonstração do mais puro pragmatismo, do chamado futebol de resultados. A defesa brasileira se dava bem, o meio-campo se complicava com o futebol no diminutivo de Zinho e a bola pouco chegava ao ataque. A virtude do time de Parreira era a paciência, a espera da hora do bote. Quando veio, foi mortal. Num belíssimo lançamento — adivinha de quem? —, Dunga enfiou Romário na cara do gol. Perse-

PEDRO MARTINELLI

Dunga, o melhor em campo, desarma Mbouh para recolocar o Brasil no ataque: além da raça, ele iniciou as jogadas de dois gols

guido pelo jovem e grandalhão Raymond Kalla — de 1,89 m —, o Baixinho fez valer seu 1,68 m e sua explosão. Resultado? O de sempre quando ele recebe a bola como gosta. Brasil 1 x 0, o gol do desafogo, o gol que impôs aquele velho e bom respeito que a gente tanto gosta.

Os Leões Indomáveis voltaram para o segundo tempo domados e sem dentes. Quando aos 18 minutos, então, a correta expulsão do lateral-esquerdo Song soou como música aos ouvidos brasileiros, não havia mais o que temer. Aí o Brasil se impunha e Dunga, por pura ironia, olhou para um lado e enfiou a bola no outro — ao melhor estilo do vesgo Mário Sérgio, craque do passado e comentarista do presente, um dos maiores críticos de Dunga. A bola foi parar certinha nos pés de Jorginho, que cruzou com perfeição para Márcio Santos assinar sua recuperação total

Em apenas dois jogos, o Brasil já marcou um gol a mais do que nos quatro disputados na Copa de 1990

da má estréia contra a Rússia. Estavam quebradas as pernas dianteiras dos Leões. As traseiras ficaram por conta de Bebeto, que aproveitou o rebote de uma chance perdida por Romário para fazer 3 x 0, aos 27.

A Copa do Mundo é uma disputa para adultos, não para crianças. Que o digam os colombianos, o equivalente, na grama, aos bailarinos do Holiday on Ice, que jamais entrarão para a História da dança. "A seriedade deste time é a nossa marca registrada", dizia um compenetrado Mauro Silva após o jogo que valeu a classificação antecipada para a Segunda Fase. "Vamos jogar com o time completo contra a Suécia. Quero ganhar todos os jogos", complementava Parreira.

Ganhar, ganhar e ganhar. Esta Seleção só fala nisso. Classificada antecipadamente, o que poderia ser apenas uma excelente oportunidade de treinar o time num jogo de Copa do Mundo contra a Suécia, em Detroit, na próxima terça-feira, se transforma em mais um desafio, em mais um teste para se saber aonde a equipe pode chegar, embora ninguém duvide que o tetra seja possível. Mesmo que o meio-campista Zinho destoe gravemente, o espírito do time tem sido igual ao dos Mosqueteiros — "um por todos, todos por um."

E Dunga é quem melhor resume tudo isso, por mais que a chamada era Dunga tenha virado palavrão a partir da eliminação do Brasil na Copa de 1990. Seja como for, em dois jogos o Brasil já marcou um gol a mais do que nos quatro disputados em 1990, na Copa da Itália, prova de que o pragmatismo não significa falta de gols. Gols que Romário tem feito por enquanto só para o gasto, aqueles que são absolutamente necessários. Mas gols que dão a certeza de que o futuro pode ser risonho para os brasileiros nesta Copa e que a diferença entre o Brasil e Camarões é a de que um tem uma grande História para continuar a escrever, enquanto o outro está apenas começando a rascunhar a dele.

Romário cumpre sua promessa: gols nos dois primeiros jogos do Brasil

UMA COPA DO MUNDO COM JEITO DE ROMÁRIO

Irreverência, gols e rebeldia estão em alta na Seleção Brasileira. Romário continua firme em sua caminhada rumo ao sucesso absoluto neste Mundial. Como já havia ocorrido na partida de estréia, contra a Rússia, o Baixinho voltou a marcar contra Camarões, dando um novo passo para cumprir as duas promessas que fez antes do início da competição: ser o goleador da Copa dos Estados Unidos e voltar ao Brasil tetracampeão. "Esta é a Copa de Romário", resume o artilheiro, sem a menor modéstia, bem ao seu estilo, mais convicto do que nunca após os dois primeiros jogos da Seleção. Algumas vezes o craque é arrogante — durante a semana discutiu asperamente com um repórter de TV . Em outras, se transforma num cara cordial — no mesmo dia passou horas conversando com jornalistas. De temperamento reconhecidamente difícil, Romário é também o maior talento de goleador surgido no futebol brasileiro nos últimos anos. No Mundial que promete ganhar, o craque vem fazendo sua parte, colocando a bola nas redes adversárias, atormentando os zagueiros, multiplicando sua fama internacional e se tornando personalidade até nos Estados Unidos, onde o futebol mais popular é jogado com as mãos. Contra a ingênua e violenta defesa da Seleção de Camarões, Romário ficou ainda mais à vontade. No primeiro tempo, recebeu um belo passe de Dunga entre a zaga adversária, invadiu a área e matou o goleiro Bell com um toque genial. Ele é assim:um matador. "Ninguém quer mais do que eu voltar para casa com o tetracampeonato", garante o atacante, que na Copa de 1990 mal pôde jogar — estava contundido — e hoje disputa o Mundial com quatro anos acumulados de sede pelo título. "Quero ser campeão do mundo. E vou ser", afirma. "Assim poderei encerrar minha carreira tranqüilamente quando chegar aos 30 anos, em 1996."

A FICHA DO JOGO

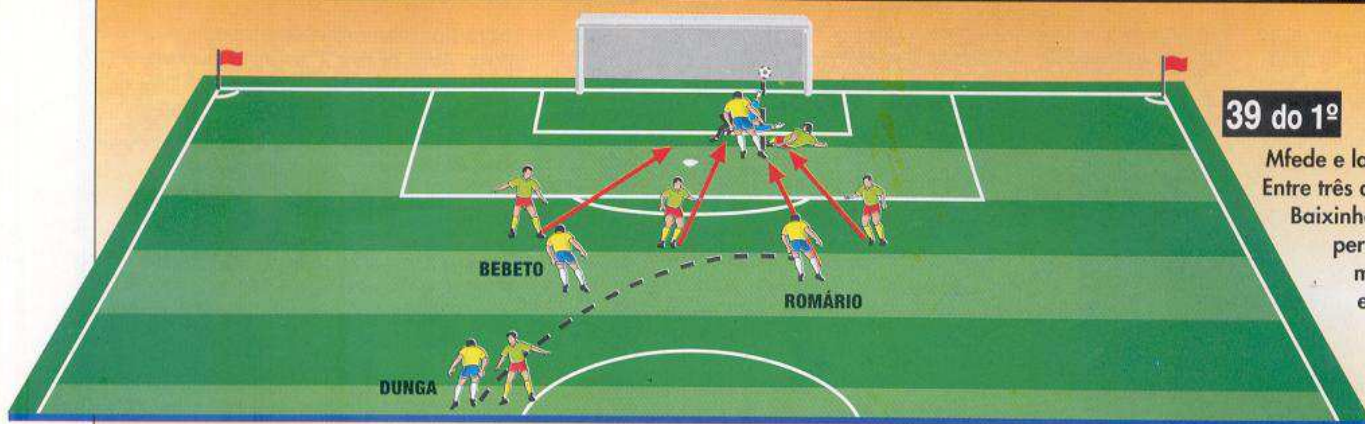
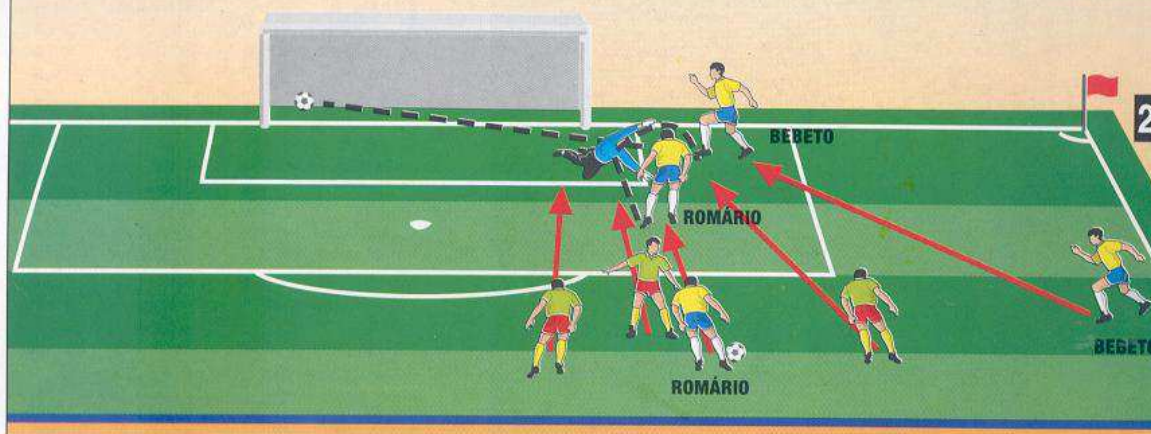
Estádio: Stanford (São Francisco)
Juiz: Arturo Brizio Carter (México)
Substituições: Milla no lugar de Embe, 19; Maboang no de Mfede, 27; Paulo Sérgio no de Zinho, 30; e Müller no de Raí 36 do 2º
Público: 83 401
Estado do gramado: bom
Gols: Romário 39 do 1º; Márcio Santos 20 e Bebeto 27 do 2º
Cartão amarelo: Tataw, Kalla e Mauro Silva
Expulsão: Song 18 do 2º

ESCALAÇÕES E NOTAS

BRASIL		CAMARÕES	
(1) TAFFAREL	7	(1) BELL	6
(2) JORGINHO	6	(14) TATAW	6
(13) ALDAIR	7	(13) KALLA	5
(15) MÁRCIO SANTOS	8	(3) SONG	4
(16) LEONARDO	6	(15) AGBO	5
(5) MAURO SILVA	7	(6) LIBIIH	6
(8) DUNGA	8	(17) FOE	5
(9) ZINHO	4	(8) MBOUH	6
(10) RAÍ	6	(10) MFEDE	5
(7) BEBETO	6	(7) OMAN-BIYIK	4
(11) ROMÁRIO	7	(19) EMBE	5
(18) PAULO SÉRGIO	s/n	(9) MILLA	5
(19) MÜLLER	s/nota	(11) MABOANG	s/nota
TÉCNICO:		TÉCNICO:	
CARLOS A. PARREIRA	6	HENRI MICHEL	6

1º TEMPO O Brasil começou com cautela. Os laterais pouco avançaram e o meio-campo esbarrou na forte marcação adversária. Bebeto e Romário se revezavam, caindo ora pela direita, ora pela esquerda, para confundir a defesa de Camarões

2º TEMPO Com a expulsão do zagueiro Song, o caminho do gol ficou fácil. Bebeto se aproximou de Jorginho que, como Leonardo, criou boas jogadas de linha de fundo. Com mais espaço, o meio-campo foi objetivo e os gols saíram naturalmente

OS LANCES DE PLACAR

39 do 1º Dunga rouba a bola de Mfede e lança Romário. Entre três adversários, o Baixinho *mata* com a perna direita, dá mais um toque e, na saída de Bell, rola sob seu corpo: 1 x 0

27 do 2º Romário recebe na entrada da área e deixa três zagueiros para trás. Diante de Bell, ele toca, mas o goleiro defende. No rebote, a bola sobra para Bebeto, que chuta rasteiro para o gol vazio: 3 x 0

ART COR E FORMA

DESEMPENHO DOS JOGADORES

DEFESA

O desempenho da defesa foi bem melhor do que contra a Rússia. Márcio Santos se recuperou completamente e Aldair entrou bem no lugar de Ricardo Rocha. Tanto Jorginho quanto Leonardo pecaram na hora de apoiar o ataque

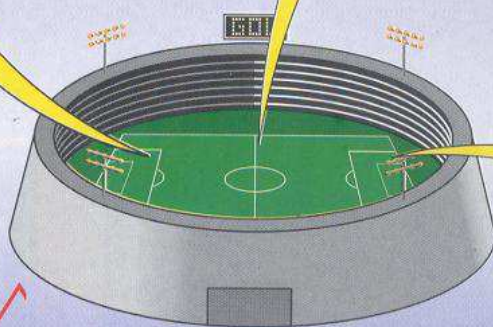
MEIO-CAMPO

Prejudicada mais uma vez pela confusa atuação de Zinho, a criação no meio-campo brasileiro acabou ficando por conta dos volantes Mauro Silva e Dunga, o que é um absurdo. Com isso, Raí foi o mais prejudicado, tendo um desgaste desnecessário

O MELHOR

Dunga surpreendentemente foi o melhor jogador do time brasileiro. Para um jogo em que era preciso impor respeito, ele soube fazer isso melhor do que ninguém, e de seus pés nasceram os passes preciosos para os dois primeiros gols da equipe

O PIOR

Mais uma vez, Zinho foi o pior do time brasileiro. Confuso, não se encontrou em campo. O máximo que fez foi dar toquinhos de lado e para trás. Ao tirá-lo, Parreira fez entrar Paulo Sérgio e não Mazinho, como deveria ser. Parece que o treinador quer nos contrariar

ATAQUE

O ataque já fez nas duas primeiras partidas desta Copa do Mundo mais gols (cinco) do que o time de Sebastião Lazaroni no Mundiall de 1990, na Itália (quatro apenas). Não é preciso dizer mais nada

ART COR E FORMA

Jogos difíceis contra africanos

Nas Copas, antes de enfrentar Camarões, o Brasil passou sufoco para fazer três gols no Zaire e suou para ganhar da Argélia

PEDRO MARTINELLI

Casagrande contra a Argélia na fraca exibição em 1986: vitória com gol chorado de Careca

Enfrentar Seleções Africanas em Copas é fato raro na história das participações brasileiras nos Mundiais. Antes da partida contra os camaroneses, em São Francisco, foram apenas dois jogos — 3 x 0 sobre o Zaire, em 1974, e 1 x 0 diante da Argélia, em 1986. Apesar das vitórias, os jogos contra equipes da África não foram tão fáceis quanto pode parecer.

Em 1974, a Seleção Brasileira dirigida por Zagalo empatou, sem gols, com Iugoslávia e Escócia, ficando com a obrigação de vencer os ingênuos zairenses por uma diferença de três gols para seguir no Mundial da Alemanha sem depender do resultado do jogo entre escoceses e iugoslavos. E o Brasil conseguiu uma sofrida vitória por exatos três gols de vantagem sobre uma equipe que estreava em Mundiais e havia perdido, dias antes, por 9 x 0 para a Iugoslávia. "Entramos em campo achando que o jogo seria fácil, mas só conseguimos a classificação nos minutos finais", lembra Valdomiro, ex-ponta-direita do Internacional, autor do terceiro e decisivo gol naquela partida — um gol "espírita", feito com um chute sem ângulo. "E olha que naquela época o futebol africano era muito inferior ao de hoje."

Em 1986, o Brasil enfrentou a Argélia que, ao contrário do Zaire de 1974, vinha credenciada por uma bela campanha na Espanha, quatro anos antes, quando quase eliminou a Alemanha. "Eles tinham um preparo físico excelente. Os caras da Argélia corriam, corriam e não se cansavam", lembra o atacante Casagrande, então titular da Seleção Brasileira. "Os africanos pecam mesmo pela falta de objetividade, tanto que naquele dia perderam muitos gols. Sorte que o Careca fez o nosso e garantiu a vitória." O gol salvador veio graças à desatenção coletiva da defesa africana.

Antes de enfrentar Camarões pela Copa dos Estados Unidos, o Brasil só havia jogado contra os Leões Indomáveis uma vez, em Iaunde, capital da República de Camarões, em 13 de junho de 1976, quando a Seleção Olímpica se preparava para os Jogos de Montreal, no Canadá. O resultado foi 1 x 1, gol do ponta-esquerda Julinho para os brasileiros, que tinham Zizinho como técnico. "Eles eram ingênuos. Aliás, continuam sendo até hoje", afirma o mestre Ziza.

ZEKA ARAUJO

Valdomiro (13) abraça Nelinho após seu gol *espírita:* dificuldades contra o ingênuo Zaire

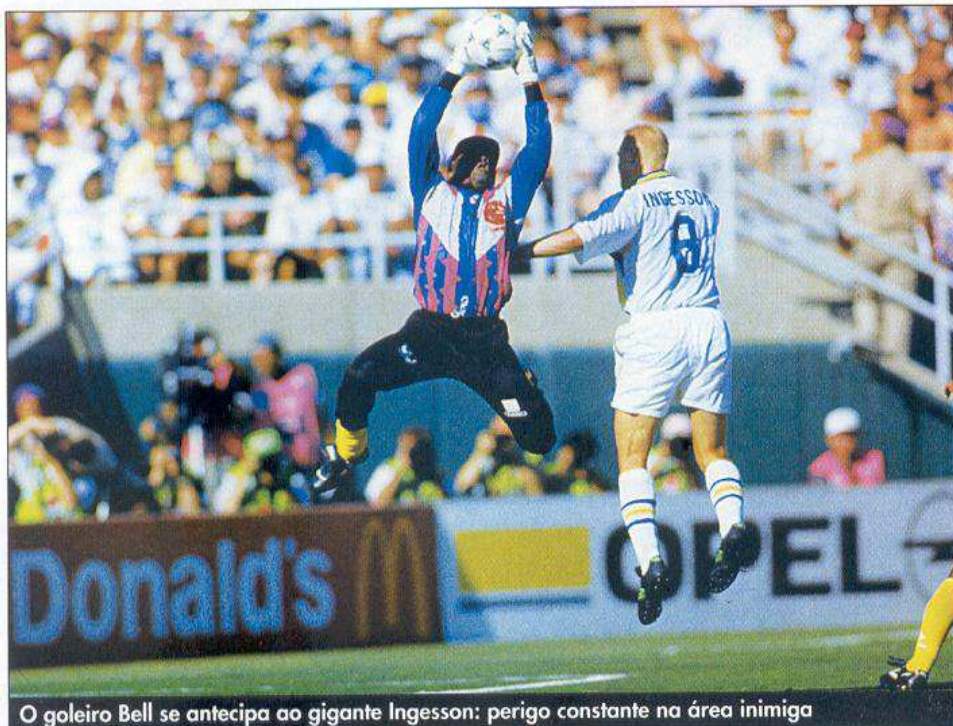
FICHAS TÉCNICAS

ALEMANHA/1974
BRASIL 3 X ZAIRE 0
Data: 22/junho/1974
Local: Parkstadion (Gelsenkirchen)
Juiz: N. Rainea (Romênia)
Público: 60 000
Gols: Jairzinho 13 do 1º; Rivelino 22 e Valdomiro 34 do 2º
Brasil: Leão, Nelinho, Luís Pereira, Marinho Peres e Marinho Chagas; Piazza (Mirandinha), Carpeggiani e Rivelino; Jairzinho, Leivinha (Valdomiro) e Edu. **Técnico:** Zagalo
Zaire: Kazadi, Nwepu, Mukombo, Buhanga e Lobilo; Kibonge, Tshinabu (Uba Kembo), Mana e Ntumba; Kidumu (Kilasu) e Myanga. **Técnico:** Blagoje Vidinil

MÉXICO/1986
BRASIL 1 X ARGÉLIA 0
Data: 6/junho/1986
Local: Estádio Jalisco (Guadalajara)
Juiz: R. Molina (Guatemala)
Público: 30 000
Gol: Careca 22 do 2º
Brasil: Carlos, Édson Boaro (Falcão), Júlio César, Edinho e Branco; Alemão, Elzo, Sócrates e Júnior; Careca e Casagrande (Müller). **Técnico:** Telê Santana
Argélia: Drid, Medjaji, Megharia, Guendouz e Mansouri; Kaci Said, Assad (Bensaoula), Ben Mabrouk e Belloumi (Zidane), Madjer e Menad. **Técnico:** Rabah Saadane

O perigo que vem do alto

Sem muita técnica, mas com jogadores de estatura elevada, a Suécia voltará a usar e abusar do velho jogo aéreo para tentar surpreender o Brasil

Por **Paulo Vinícius Coelho,** *enviado especial a Los Angeles*

FOTOS NELSON COELHO

O goleiro Bell se antecipa ao gigante Ingesson: perigo constante na área inimiga

Assim que a Seleção da Suécia desembarcou nos Estados Unidos, o diagnóstico para tentar prever sua campanha foi feito. Antes de sonhar com bons resultados, o time precisava superar o medo. Motivos para esse sentimento havia de sobra. A cobrança por bons resultados, depois da péssima campanha em 1990 (foram eliminados na Primeira Fase perdendo para Brasil, Costa Rica e Escócia, todos por 2 x 1), era o maior deles. "A estréia contra Camarões começou a uma hora da manhã na Suécia, mas todos estavam de olho no desempenho do time", assegura o jornalista Ingemar Erlandson.

Nos 2 x 2 com os camaroneses, os torcedores viram defeitos na defesa, principalmente pela direita, onde Patrick Andersson entregou, de bandeja, dois gols aos africanos. De quebra, o ataque irritou o técnico Tommy Svensson. "Perdemos muitos gols. Isso não pode acontecer", reclamou.

Mas os suecos têm qualidades. A começar pelo ataque. Apesar da fase pouco produtiva de Tomas Brolin, Martin Dahlin atravessa um momento especial de sua carreira. Disputa sua primeira Copa, foi eleito o melhor em campo no jogo de estréia e inferniza os zagueiros com sua velocidade. "Não quero fazer análises apenas sobre um jogador", desconversa Svensson.

"É um time perigoso, principalmente pelo conjunto", elogia o técnico brasileiro Parreira. "Mas não me surpreendi com o futebol apresentado por eles." Sua única preocupação é com o jogo aéreo, responsável pela maior parte dos gols da equipe nas Eliminatórias e pelo primeiro feito da Suécia na Copa (Ljung de cabeça). Por isso, ninguém deve estranhar se Parreira começar a partida de terça-feira com o gigante Ronaldão na linha de zaga.

BRASIL X SUÉCIA

J	V	E	D	GP	GC	SG
11	6	3	2	29	17	12

BATE BOLA

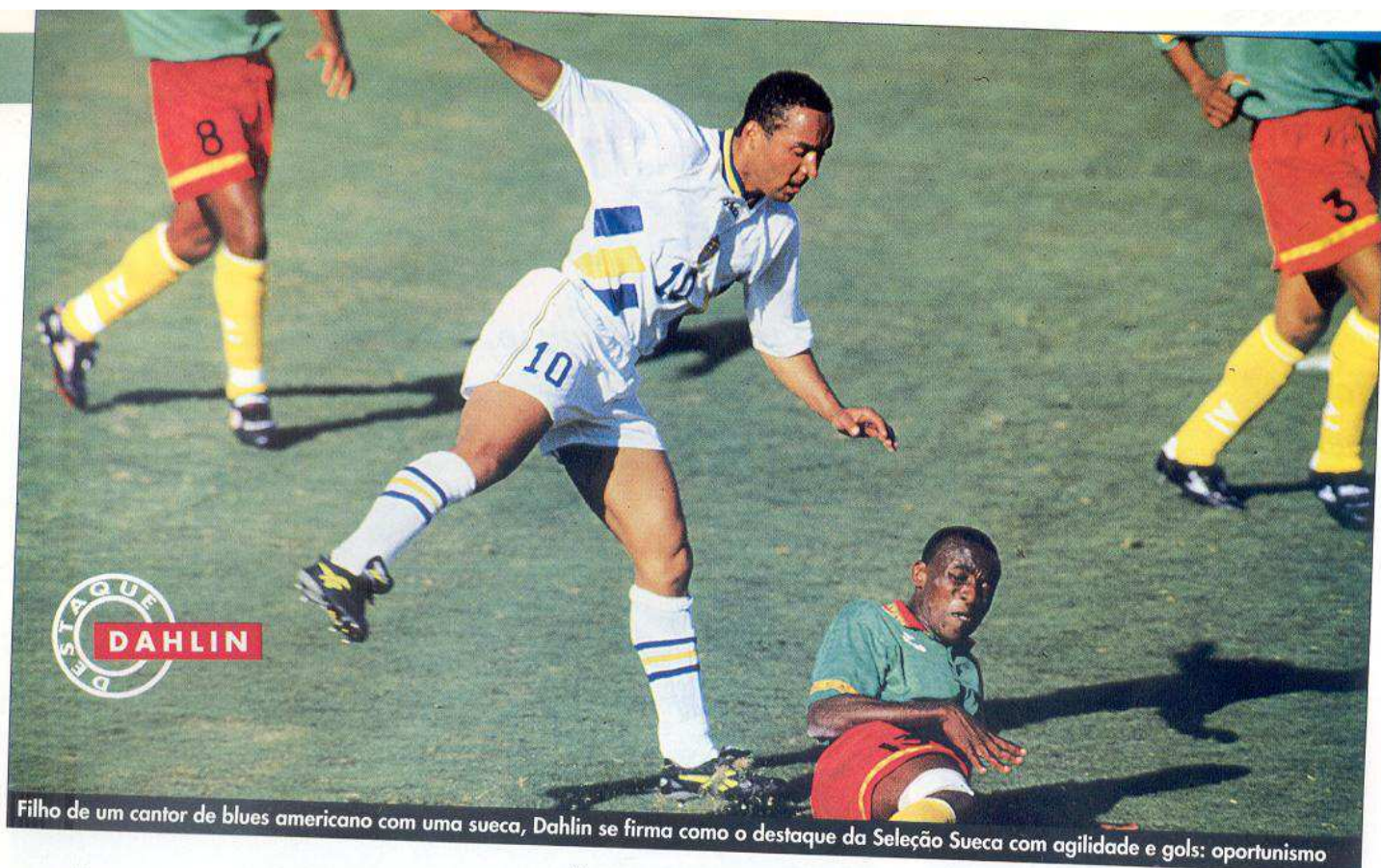
"QUERO A CLASSIFICAÇÃO"

Tommy Svensson tenta apagar a imagem negativa do fiasco de 1990 e levar a Suécia, pelo menos, à Segunda Fase da Copa

PLACAR — O que o senhor pensa sobre o time do Brasil?
SVENSSON — Estou pensando em dar um passo de cada vez. Jogamos contra Camarões e Rússia. Só agora é hora de pensar no Brasil, o que vou fazer durante os próximos dias, para encontrar a melhor forma de superar o time de Carlos Alberto Parreira.

PLACAR — O técnico Carlos Alberto Parreira afirmou que a Rússia é o jogo mais difícil da chave e Camarões é um pouco mais forte do que a Suécia. O que o senhor pensa sobre isso?
SVENSSON — Estamos mostrando nossa força jogo a jogo. Em Detroit, vamos mostrá-la novamente. O empate com Camarões deixou claro que os dois times são parelhos. Dois gols para cada lado mostraram que Suécia e Camarões são rigorosamente iguais.

PLACAR — Qual a intenção da Suécia no Mundial de 1994?
SVENSSON — Se conseguirmos superar a péssima campanha de 1990, já estaremos satisfeitos. Isso significa passar pelo menos à Segunda Fase. Precisando vencer o Brasil, seremos obrigados a fazê-lo.

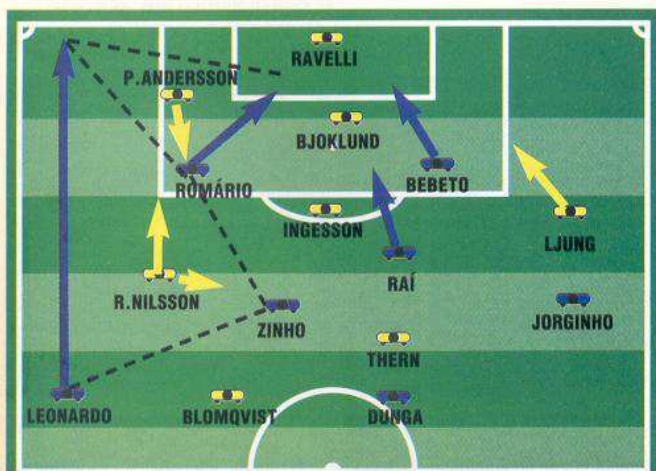
PLACAR - Martin Dahlin foi eleito o melhor jogador do time contra Camarões e, para muitos, é o melhor jogador sueco na atualidade. O senhor concorda com isso?
SVENSSON — Não vi nada disso, simplesmente porque não acho esse tipo de avaliação muito correto. Jamais avalio meu time pelas condições individuais de cada jogador. Dahlin é um grande atacante, sem dúvida. Mas treino um grupo de atletas e só posso julgar o comportamento do grupo. O futebol é um esporte coletivo. Por isso, faço minha equipe atuar coletivamente.

DESTAQUE

DAHLIN

Filho de um cantor de blues americano com uma sueca, Dahlin se firma como o destaque da Seleção Sueca com agilidade e gols: oportunismo

A PÉROLA NEGRA DA ESCANDINÁVIA

Terminada a partida Camarões 2 x Suécia 2, os alto-falantes do Estádio Rose Bowl divulgaram: Martin Dahlin havia sido eleito o melhor em campo. Sua velocidade e oportunismo são, a cada dia, mais importantes para o esquema da equipe escandinava. Filho de mãe sueca com pai americano e cantor de blues, ele chama a atenção geral não só pelo seu futebol de alto nível. Negro, Dahlin destoa dos colegas de equipe, quase todos louros, também pela cor da pele.

"Hoje é o melhor jogador da equipe", afirma o jornalista Ingemar Erlandson, rasgando elogios ao atacante que defende o Borussia Mönchengladbach, da Alemanha. Logo na estréia contra Camarões, Dahlin marcou um golaço, aproveitando o rebote de um chute de Henrik Larsson na trave do goleiro Bell, matando no peito e enchendo o pé para estofar as redes e empatar a partida. Na terça-feira, será a vez da defesa brasileira tentar deter suas investidas.

COMO GANHAR

A defesa sueca é insegura, principalmente pelo lado direito. Provocar triangulações entre Leonardo, Zinho e Romário é a melhor solução para se chegar logo ao gol adversário. Só não vale tentar entrar na defesa pelo alto, pois os zagueiros costumam ganhar quase todas as bolas. Mas se pelo alto eles são bons, por baixo o Brasil pode infiltrar-se com certa tranqüilidade trocando passes.

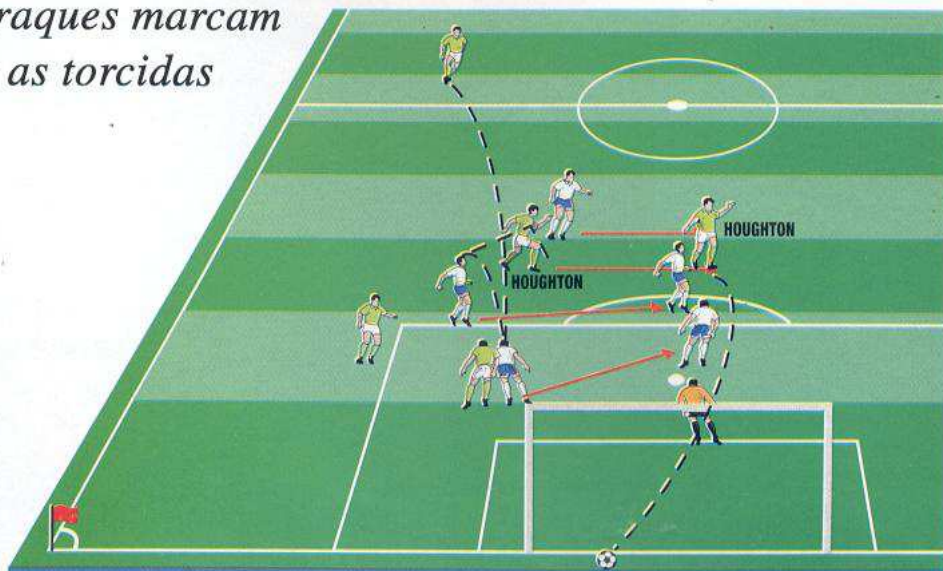
COMO NÃO PERDER

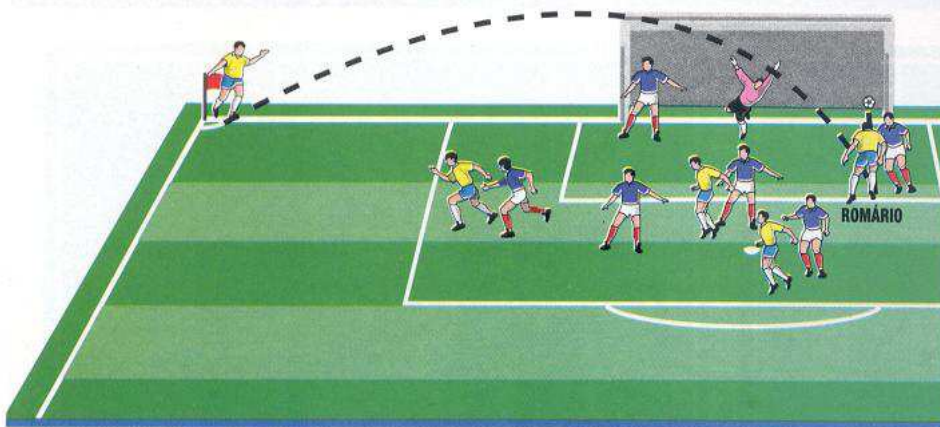
O jogo aéreo é a melhor opção sueca. Assim saiu o primeiro gol da equipe na Copa, marcado por Ljung após um cruzamento de Thern, contra Camarões. Isso preocupa o técnico Parreira. A eventual entrada de Ronaldão na zaga poderia solucionar o problema. Os suecos exploram bolas altas para Ljung (1,86 m de altura), Dahlin (1,85 m), e o gigantes Ingesson (1,90 m) e Kennet Andersson (1,96 m).

ART COR E FORMA

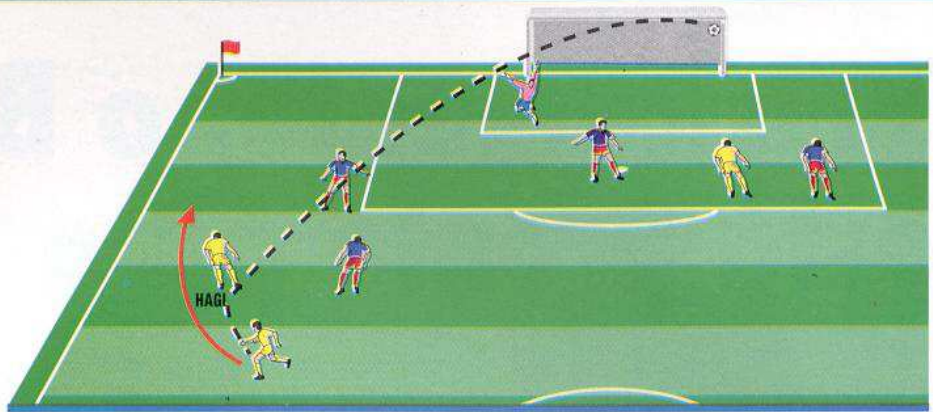
Da pancada à sutileza

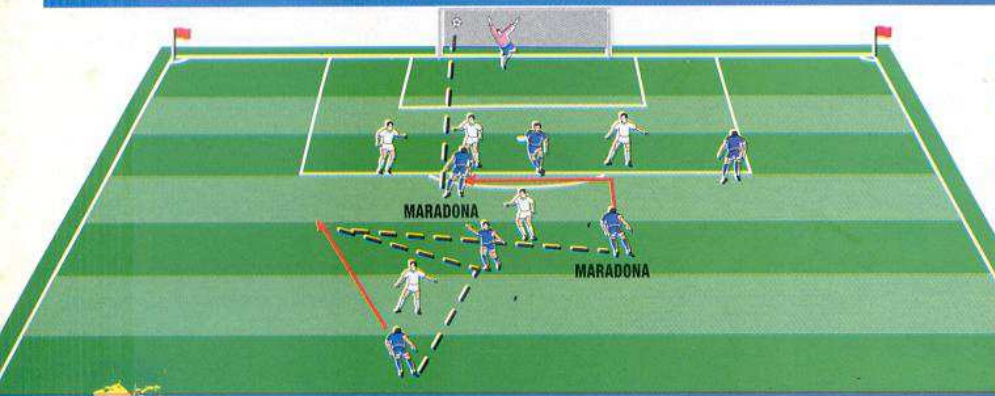
Maradona, Hagi, Houghton, Wynalda e Romário. Com talento, precisão, força ou delicadeza, os craques marcam belos gols e fazem vibrar as torcidas

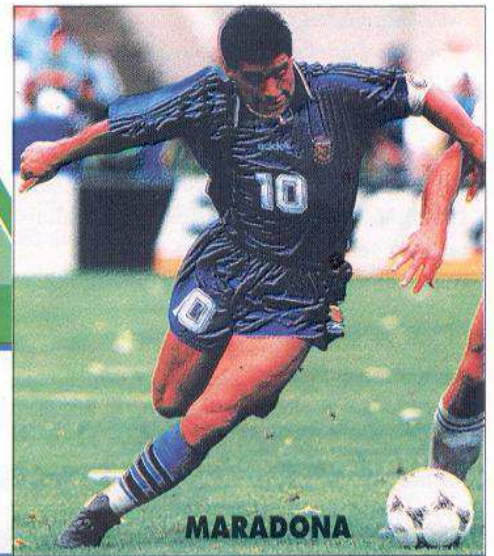
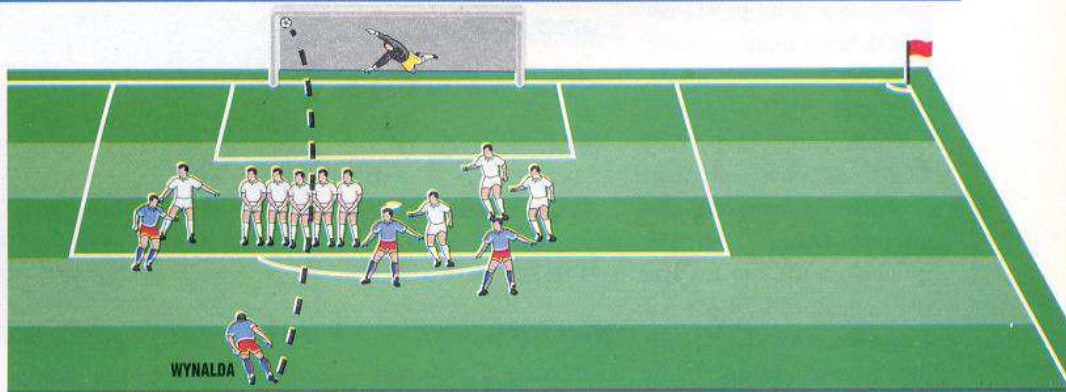
HOUGHTON

REIS DOS CHUTÕES

Foi uma vingança perfeita. Eliminados pela Itália na Copa de 1990, os irlandeses entraram no gramado do Giants Stadium dispostos a ir à forra. Para isso, recorreram às velhas armas de sempre: disposição e chutões. Para o alto, para o lado, e até para a frente. O golaço irlandês começou assim, com um chutão de Sheridan de seu próprio campo. A bola acabou indo na direção da cabeça de Coyne, que disputou o lance no alto com Costacurta. Baresi ainda tentou aliviar o perigo com mais um toque para Maldini, mas Houghton apareceu para roubar a bola, levá-la até a entrada da área e encobrir o adiantado e estático goleiro Pagliuca com um chutão. Esse, porém, venenoso e consciente. Vingança completa.

SIMPLESMENTE MATADOR

Não foi um chute forte, com raiva, daqueles que faz o jogador explodir de alegria ao ver a bola nas redes do adversário. Romário começou a cumprir sua promessa de ser o goleador do Mundial e levar o Brasil ao tetra ao marcar seu primeiro gol numa Copa bem ao seu estilo: um chute sutil, fraco, que simplesmente matou o goleiro Kharin. "Eu esperava abola no outro canto, o que seria o normal", admitiu o goleiro, surpreso com o golpe mortal do artilheiro. A jogada começou em um escanteio cobrado por Bebeto, da esquerda. A bola cruzou toda a pequena área, até encontrar o pé direito do goleador. Veio, então, o toque de talento, inesperado para o mecânico futebol russo. E a bola rolou mansamente para o fundo das redes. Um gol de matador. Simples, fácil, prático, com a maior naturalidade do mundo. Um gol típico de Romário, como ele bem sabe fazer.

ROMÁRIO

À SUL-AMERICANA

Asprilla, Rincón, Valderrama. Quase 100 000 pessoas foram ver de perto os craques colombianos, mas viram mesmo um gênio romeno: Hagi. Com dois chutes por cobertura, ele conquistou a galera. Na primeira tentativa, da intermediária colombiana, percebeu Córdoba adiantado e tocou por cima. O goleiro defendeu. Minutos depois, ele recebeu a bola de Munteanu na lateral da área, deu dois passos e notou, mais uma vez, a má colocação de Córdoba. O chute de canhota foi preciso. Bola na rede. No melhor estilo sul-americano.

MARADONA VIVE!

Nos últimos meses, corria pelo mundo da bola que Diego estava morto como jogador. Se essa informação era correta, o futebol registra nesta Copa do Mundo o milagre da ressureição. Na estréia da Argentina, contra a Grécia, Maradona mostrou aos descrentes que continua bem vivo. O gol do craque contra os atordoados gregos teve, ainda, a marca registrada do futebol argentino: o toque de bola. Balbo, Redondo e Batistuta tabelaram com Maradona, que tirou dois zagueiros da jogada e disparou sua canhota mortal. No ângulo.

TROCANDO AS MÃOS PELOS PÉS

Nos Estados Unidos, os esportes mais populares aproximam a bola das mãos de seus craques. É assim no basquete, no futebol americano e no beisebol. Mas existe pelo menos um norte-americano capaz de fazer, com os pés, o que outros ídolos do país costumam fazer com as mãos: o californiano Wynalda, autor do primeiro gol dos Estados Unidos na Copa. A Suíça vencia por 1 x 0 quando ele cobrou uma falta com perfeição. O goleiro Pascolo, mesmo podendo usar as duas mãos, não pôde deter o chute de pé direito de Wynalda.

"Fisicamente, o Brasil está pronto para o tetra"

O preparador da Seleção acha a condição física dos brasileiros melhor que a dos adversários e afirma que as contusões são acidentes de percurso

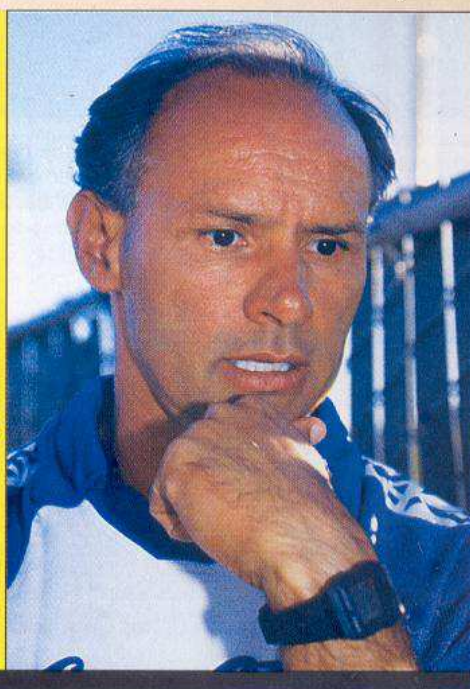
***Por* Paulo Vinícius Coelho, enviado especial a São Francisco**

Antes do início da preparação da Seleção, o Brasil inteiro era unânime em apontar Moraci Sant'Anna como o melhor preparador físico do país. Afinal, ele foi o responsável pelo fôlego invejável apresentado pelo São Paulo nos últimos quatro anos, e que ajudou a levar o clube ao bicampeonato mundial interclubes. A façanha provocou o convite para Moraci retornar à Seleção, da qual fora auxiliar de preparação física nos Mundiais de 1982 e 1986, assessorando Gilberto Tim. Às vésperas de sua quarta Copa do Mun-do — ele treinou também a Seleção dos Emirados Árabes em 1990, ao lado de Carlos Alberto Parreira —, Moraci garantiu, em entrevista exclusiva a PLACAR, dada em Los Gatos, que a torcida brasileira pode ficar tranqüila em relação à parte física da Seleção. "Aminha parte está feita'', afirmou.

PLACAR — Ao contrário de outras Copas, este ano não há nenhuma Seleção que apresente um favoritismo destacado. Esta é a Copa de quem tiver melhor preparo físico?

Moraci — Eu não chegaria a afirmar categoricamente que esse seja o fator preponderante para uma equipe chegar à conquista do título. Mas o horário em que a maioria dos jogos será disputado — por volta de 13 horas *(N.R.: horário de São Francisco)* — e o forte calor do verão americano certamente farão com que o preparo físico influencie bastante no resultado da competição.

PLACAR — Você se consagrou por deixar o São Paulo no auge da preparação física em temporadas seguidas, apesar do acúmulo de jogos. Qual a diferença entre esse tipo de preparação e a que deve ser realizada para um torneio curto como a Copa do Mundo?

> **"Tenho consciência de que fiz o melhor possível. As contusões fazem parte de uma margem de risco que todos os treinadores e preparadores físicos correm"**

FOTOS NELSON COELHO

Moraci — Como você disse, é um torneio curto. Por isso e pelo pequeno espaço de tempo que tivemos para treinar, fomos obrigados a fazer um trabalho um pouco mais intenso do que o normal. Mesmo assim, o objetivo foi apenas tornar cada jogador mais apto a realizar o que determina sua função dentro do esquema tático da equipe.

PLACAR — Você afirmou desde que a Seleção desembarcou em São Francisco que o time entraria na Primeira Fase com cerca de 80% da condição física ideal. Esse objetivo foi alcançado?

Moraci — Todos os jogadores estão dentro dessa média. O único que não a alcançou foi o Branco, mas devido unicamente à contusão que o afastou de boa parte dos treinamentos. Digamos que hoje o elenco esteja com 80% de condição física e o Branco com 75%.

PLACAR — Em que etapa da Copa os jogadores atingirão os 100% de condição física?

Moraci — Essa média de 80% no início da competição nos dá uma boa folga para acreditar que o time vá evoluir fisicamente sem correr o risco de virar o fio. Mas também não vamos atingir os 100%. Alguns jogadores até poderão atingir esse índice. Na média, porém, isso dificilmente acontecerá. Aliás, nenhuma das 24 Seleções que estão aqui conseguirá alcançar esse estágio perfeito de condicionamento físico até o fim da Copa.

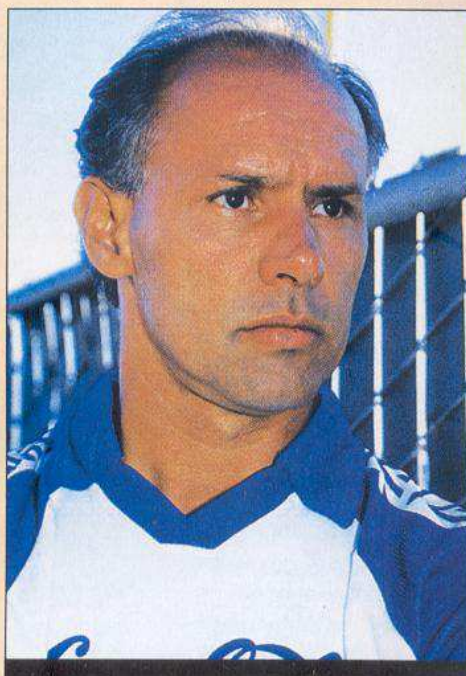
PLACAR — Como você avalia o desempenho da Seleção Brasileira na partida de estréia contra a Rússia?

Moraci — O time rendeu entre 75% e 80%, como pretendíamos. A tendência agora é do time evoluir a cada nova partida.

PLACAR — Mas a estréia apresentou mais uma contusão muscular. Depois de Ricardo Gomes e Romário, foi a vez de Ricardo Rocha. Você continua convicto de que essas contusões nada têm a ver com o excesso de trabalho a que estariam sendo submetidos os jogadores?
Moraci — Reafirmo que começaria tudo da mesma maneira se fosse necessário. Tenho tranqüilidade para saber que fiz o melhor possível. As contusões fazem parte de uma margem de risco que todos os treinadores e preparadores físicos correm. Se qualquer pessoa, atleta ou não, exerce uma carga maior do que a que está preparada, fatalmente sofrerá uma contusão. Prova disso foi a Seleção Brasileira da Copa de 1986, no México, preparada pelo Gilberto Tim e da qual eu era auxiliar. Na época, mais de dez jogadores se contundiram — a grande maioria com problemas musculares.

PLACAR — Você costuma armazenar dados estatísticos sobre o São Paulo e a Seleção. Como isso pode ajudar o Brasil a chegar ao tetracampeonato?
Moraci — Todos os dados que envolvem passes errados, número de chutes a gol e quantidade de ataque por cada setor do campo estão sendo armazenados. Isso ajuda a deixar claro quais são os principais problemas apresentados pela equipe. Durante a Copa, esses números estarão à disposição do treinador no intervalo de cada partida. Esse é um instrumento a mais para detectar defeitos do time e corrigi-los para o segundo tempo. Além disso, vamos utilizar um novo sistema computadorizado que informa quais os três últimos movimentos do time, antes do gol. Assim, detectamos o ponto forte de nosso ataque.

PLACAR — Pelos números que já estão à sua disposição, quais são os pontos positivos e negativos da equipe?
Moraci — De um modo geral, a equipe está homogênea. Não se pode dizer, por exemplo, que ela seja mais vulnerável aos ataques pelo lado direito ou pelo lado esquerdo. Quando isso ocorrer, no entanto, teremos os números à nossa disposição para corrigir as possíveis falhas.

PLACAR — Você ficou surpreso com a boa atuação de Raí contra a Rússia?
Moraci — Não. O que vinha prejudicando Raí era o fato de ele não realizar treinamentos anaeróbios desde que se transferiu para o Paris Saint-Germain. Esse tipo de treino visa oferecer maior resistência aos jogadores e o trabalho com Raí sempre se baseou nisso. Conseguimos recuperá-lo nesse aspecto e, além disso, ele está com um astral altíssimo. Por isso, acredito que Raí tenha na Copa do Mundo uma participação muito próxima de seu desempenho no São Paulo. Talvez até igual.

"Vamos chegar ao segundo tempo das partidas com um ritmo muito parecido com o do primeiro. E eu duvido que as outras Seleções mantenham o mesmo nível"

PLACAR — O técnico Telê Santana afirmou em entrevista a PLACAR, que você e Carlos Alberto Parreira deveriam ter tomado uma posição drástica para evitar a demissão da nutricionista Patrícia Bertolucci. O que você pensa disso?
Moraci — Primeiro é preciso deixar claro que não fui eu quem levou a Patrícia para a Seleção Brasileira. Apenas fui consultado pelo secretário-geral da CBF, Marco Antônio Teixeira, sobre seu trabalho no São Paulo. Disse que era uma boa profissional e ela acertou sua situação com a diretoria da CBF. Depois disso, ficou magoada porque não lhe foi permitido conhecer resultados de certos exames dos jogadores. Segundo ela, isso inviabilizaria o trabalho. Por isso, resolveu pedir demissão e ir embora. Não tive nada a ver com isso e felizmente acho que esse problema está superado, até porque, pelo nosso cronograma, ela encerraria o trabalho na Granja Comari e não viajaria para os Estados Unidos.

PLACAR — Você acha que a saída de Patrícia Bertolucci foi uma prova de imaturidade do futebol brasileiro?
Moraci — Eu não diria isso. Mas acho que o trabalho dela seria muito importante para os jogadores. Na verdade, ela deixou parte de suas recomendações com o doutor Mauro Pompeu e elas estão sendo utilizadas. O cardápio da Seleção não está fugindo do que foi proposto pela Patrícia. Até por isso, só voltei a conversar com ela uma vez, depois de sua saída.

PLACAR — No México, em 1970, o Brasil foi um dos primeiros a chegar e adaptou-se muito bem à altitude. Desta vez, o problema é o calor. Qual a relação entre as duas campanhas?
Moraci — Naquela ocasião, houve mais tempo para treinar. Mas desta vez, por termos chegado mais cedo, teremos muito maior tolerância em relação ao calor do que os nossos adversários. Vamos chegar ao segundo tempo das partidas com um ritmo muito parecido com o do primeiro. E eu duvido que a maioria das outras Seleções mantenham o mesmo nível durante as duas etapas de jogo.

PLACAR — No que diz respeito ao preparo físico, a Seleção está pronta para ganhar a Copa?
Moraci — A minha parte já está feita. Tudo o que nós podíamos fazer, nós fizemos. Previmos, planejamos, cuidamos de cada detalhe. Por isso, não tenho dúvidas de que pelo menos fisicamente, a equipe está muito bem.

O romantismo está de volta
Bélgica e Marrocos faziam um joguinho sem muito entusiasmo até que Grun e Mohamed Chaouch resolveram formar um belo casal romântico. Foi um sucesso

REUTER

AFP

Olé! Olé!
Fã das touradas, o espanhol Goicoechea faz uma passagem cheia de classe em cima do sul-coreano Shin Hong Gi

NELSON COELHO

Saudades de Bruce Lee
De repente, o romeno Petrescu e o colombiano Wilson Pérez descobrem que amam o karatê. Aproveitando a bola fora, fazem então um treininho

NELSON COELHO

Nos tempos da brilhantina
Em seu primeiro jogo na Copa, contra a Romênia, tudo era festa para o colombiano Escobar. Mesmo com seu time perdendo, ele ainda encontrou ânimo para tirar o romeno Belodedici para um tango quente. Depois, na segunda partida, Escobar dançaria rock pesado com os americanos

Russo vê a coisa ruça
Não bastasse o calor e o futebol infernal do ataque brasileiro, o zagueiro russo ainda teve que suportar o cheiro do desodorante de Bebeto

AFP

A Copa do vale-tudo

FOTOS NELSON COELHO

Telão mostra o gol da Colômbia contra a Romênia: concessão da FIFA para agradar os norte-americanos

O desejo da FIFA de cativar o público norte-americano para o futebol provocou a queda de antigas tradições e também de algumas resoluções tomadas pela entidade nos últimos anos, como a proibição de telões e de relógios nos marcadores eletrônicos nos estádios. Curiosamente a volta da marcação do tempo aos campos ocorreu semanas depois da revista Newsweek referir-se ao futebol "como um esporte estranho: o juiz é a única pessoa a saber quanto tempo falta para acabar o jogo." Mais grave, porém, foi o retorno dos gigantescos telões dando até *replay* dos lances mais polêmicos durante as partidas. Já a principal quebra das tradições que pode ser vista nesse Mundial está nos juízes, que trocaram os sisudos uniformes negros por vistosos modelitos coloridos. Mas as macas motorizadas ainda são, sem dúvida, a maior curiosidade do Mundial disputado nos Estados Unidos.

COM OS PÉS NO CHÃO

O fiasco da Colômbia, derrotada por Romênia (3 x 1) e Estados Unidos (2 x 1) em seus dois primeiros jogos, não surpreendeu o próprio treinador do time, até então apontado como um dos favoritos ao título. Depois do jogo com os romenos, em Los Angeles, o técnico Francisco Maturana disse a PLACAR, que sua equipe "ainda não está pronta para ser campeã do mundo." Não há dúvida: Maturana sabe das coisas.

Maturana: consciente da imaturidade da Seleção Colombiana

O BALANÇO DO REI PELÉ

Após uma semana de Copa do Mundo, Pelé fez a sua primeira análise do que viu pelos gramados dos Estados Unidos. Eis algumas de suas conclusões:

- "Parece que a Colômbia veio aos Estados Unidos a passeio. Todos falaram que era uma das grandes favoritas para chegar ao título, principalmente eu, e os colombianos pensaram que a Copa era apenas uma grande festa."
- "O gol de bicicleta que o quarto-zagueiro norte-americano Balboa quase marcou contra a Colômbia vai entrar para a história como aqueles que eu quase fiz contra a Checoslováquia e o Uruguai em 1970, no Mundial do México. Seria o momento mais bonito desta Copa do Mundo até agora."
- "Esta é mesmo a Copa do Pelé. Nenhuma briga nas arquibancadas, média de gols maior do que a da Itália, campos lotados como não aconteceu na Primeira Fase do Mundial de 1990 e futebol emocionante em todos os jogos."

O Rei do futebol pode até ser ruim de previsões, como já demonstrou. Mas é, como se lê, um craque nota 10 em constatações.

OS PATROCINADORES DOS CRAQUES BRASILEIROS

De todos os jogadores da Seleção Brasileira, apenas três atuam em clubes que utilizam material esportivo da Umbro, a fornecedora da CBF. São Bebeto e Mauro Silva, ambos do Deportivo La Coruña da Espanha, e Gilmar, do Flamengo. O terceiro goleiro da Seleção, no entanto, tem um acordo com seu clube, que lhe permite utilizar material da Uhlsport. Também só três jogadores atuam em clubes patrocinados pela Coca-Cola, empresa patrocinadora da Seleção Brasileira: Ricardo Rocha, do Vasco; Branco, do Fluminense; e Ronaldo, do Cruzeiro.

GAROTOS PROPAGANDA

JOGADOR	CLUBE	MATERIAL	PATROCINADOR
TAFAREL	REGIANA	ASICS	GIGLIO
JORGINHO	BAYERN MUNIQUE	ADIDAS	OPEL
RICARDO ROCHA	VASCO	FINTA	COCA-COLA
RONALDÃO	SHIMIZU	MIZUNO	JAL
MAURO SILVA	LA CORUÑA	UMBRO	FEIRACO
BRANCO	FLUMINENSE	REEBOK	COCA-COLA
BEBETO	LA CORUÑA	UMBRO	FEIRACO
DUNGA	STUTTGART	ADIDAS	SUDMILCH
ZINHO	INTERNACIONAL	NIKE	NIKE
RAÍ	PARIS S.GERMAIN	NIKE	RTL
ROMÁRIO	BARCELONA	KAPPA	—*
ZETTI	SÃO PAULO	PENALTY	TAM
ALDAIR	ROMA	ADIDAS	BARILLA
CAFU	SÃO PAULO	PENALTY	TAM
MÁRCIO SANTOS	BORDEUAX	UHLSPORT	PANASIN
LEONARDO	SÃO PAULO	PENALTY	TAM
MAZINHO	PALMEIRAS	RHUMMEL	PARMALAT
PAULO SÉRGIO	BAYER LEVERKUSEN	ADIDAS	BAYER
MULLER	SÃO PAULO	PENALTY	TAM
RONALDO	CRUZEIRO	FINTA	COCA-COLA
VIOLA	CORINTHIANS	FINTA	KALUNGA
GILMAR	FLAMENGO	UMBRO	PETROBRÁS

Obs.: o Barcelona se recusa a ter patrocinador em sua camisa

A KOMBI DO TETRA

Valentim *(à esquerda)* e sua Kombi: aventura para ver o tetra

No dia 9 de abril, o executivo Carlos Alberto Valentim, 51 anos, deixou o Brasil em uma Kombi para assistir à Copa. Hoje, o carro pode ser visto todos os dias em frente ao local dos treinos brasileiros. Mas Valentim não conseguiu fazer todo o percurso na Kombi. Na Venezuela, apanhou um avião para Miami e atravessou os Estados Unidos de costa a costa para ver a Seleção. "Percorri 14 000 quilômetros", afirma. "Mas vai valer a pena."

PASSE CURTO

UM SHOW DE PÚBLICO NOS ESTADOS UNIDOS

FOTOS NELSON COELHO

Estádio cheio no jogo Colômbia 1 x Romênia 3: fenômeno comum nesta Copa

Quem esperava um fracasso de público na Copa dos Estados Unidos se deu mal. Nos quinze primeiros jogos do Mundial, mais de um milhão de torcedores passaram pelos portões dos nove estádios americanos que sediam os jogos da Copa. Em 1990, 750 000 torcedores assistiram às partidas do Mundial neste mesmo período. Assim, a média de público subiu de 50 560 na Itália para espantosos 73 681 torcedores por partida no Mundial de 1994. O maior público desta Copa também supera bastante o da Primeira Fase de 1990. Naquele ano, o jogo Alemanha x Iugoslávia foi assistido por 74 765 pessoas. Agora, o recorde pertence a Estados Unidos 2 x Colômbia 1: 93794 torcedores estiveram presentes ao Rose Bowl.

BRASIL COM SOTAQUE ESPANHOL

A torcida brasileira ganhou um reforço considerável nas partidas da Copa do Mundo. Dezenas de mexicanos, costa-riquenhos, salvadorenhos e pessoas vindas de outras regiões da América Central, chegaram ao Stanford Stadium vestidas de verde e amarelo e gritando Brasil no mais legítimo portunhol. "Sou costa-riquenho, mas o Brasil é meu time desde garoto", afirmou Armando Gonzalez, que foi ao estádio com a bandeira do Brasil pintada no rosto. Em Detroit, na partida contra a Suécia, no entanto, o reforço deve ser bem menor. Situada mais ao norte dos Estados Unidos, a capital do automóvel possui uma população de imigrantes latino-americanos muito mais modesta do que São Francisco.

BATER, NEM PENSAR

Bebeto: pênalti é com o Raí

Raí e Bebeto são os principais cobradores de pênaltis da Seleção. Quando, no entanto, o juiz marcou a penalidade contra a Rússia, o baiano Bebeto não pensou duas vezes. Chegou perto de Raí e desejou-lhe boa sorte.

TABELÃO

GRUPO A
22/junho/94
ROMÊNIA 1 x SUÍÇA 4
Local: Silverdome (Detroit); **Juiz:** Neji Jouini (Tunísia); **Público:** 61 428; **Gols:** Alain Sutter 16 e Hagi 35 do 1º; Chapuisat 7, Knup 21 e 27 do 2º; **Cartão amarelo:** Mihali, Lupescu e Belodedici; **Expulsão:** Vladoiu 29 do 2º
ROM NIA: (12) Stelea, (2) Petrescu, (3) Prodan e (4) Belodedici; (6) Popescu, (14) Mihali; (5) Lupescu ((15) Panduru 40 do 2º), (7) Munteanu e Hagi; (11) Dumitrescu ((16) Vladoiu 24 do 2º) e (9) Raducioiu. **Técnico:** Roy Hodgson
SUÍÇA: (1) Pascolo, (2) Hottiger, (3) Quentin e (4) Herr; (5) Geiger; (6) Bregy, (7) Alain Sutter ((16) Bickel 25 do 2º), (8) Ohrel ((20 Sylvestre 37 do 2º) e (10) Sforza; (9) Knup e (11) Chapuisat. **Técnico:** Anghel Iordanescu

22/junho/94
EUA 2 x COLÔMBIA 1
Local: Rose Bowl (Los Angeles); **Juiz:** Fabio Baldas (Itália); **Público:** 93 194; **Gols:** Escobar (contra) 33 do 1º; Stewart 6 e Valencia 45 do 2º; **Cartão amarelo:** De Avila e Lalas
EUA: (1) Meola, (22) Lalas, (21) Clavijo, (17) Balboa; (5) Dooley, (20) Caligiuri, (6) Harkes, (9) Tab Ramos e (16) Sorber; (8) Stewart ((13) Cobi Jones 21 do 2º) e (11) Wynalda ((10) Wegerle 15 do 2º). **Técnico:** Bora Mulutinovic
COLÔMBIA: (1) Córdoba, (4) Herrera, (15) Perea, (2) Escobar e (20) Pérez; (14) Álvarez, (10) Valderrama, (5) Gaviria e (19) Rincón; (7) De Avila ((9) Valenciano, intervalo) e (21) Asprilla ((11) Valencia, intervalo). **Técnico:** Francisco Maturana

GRUPO B
20/junho/94
BRASIL 2 x RÚSSIA 0
Local: Stanford Stadion (São Francisco); **Juiz:** An Yan Lim Kee Chong; **Público:** 81 061; **Gols:** Romário 26 do 1º; Raí (pênalti) 8 do 2º; **Cartão amarelo:** Nikiforov, Khlestov e Kuznetzov
BRASIL: (1) Taffarel, (2) Jorginho, (3) Ricardo Rocha ((13) Aldair 27 do 2º), (15) Márcio Santos e (16) Leonardo; (5) Mauro Silva, (8) Dunga, (9) Zinho e (10) Raí; (7) Bebeto e (11) Romário. **Técnico:** Parreira
RÚSSIA: (16) Kharin, (5) Nikiforov, (3) Gorlukovic e (6) Ternavsky; (21) Khlestov (2) Kuznetzov, (7) Piatiniski, (17) Tsymbalar e (10) Karpin; (15) Radchenko ((13) Borodjuk 31 do 2º) e (22) Iuran ((9) Salenko 9 do 2º). **Técnico:** Pavel Sadyrim

GRUPO C
21/junho/1994
ALEMANHA 1 x ESPANHA 1
Local: Soldier's Field (Chicago); **Juiz:** Ernesto Filippi (Uruguai); **Público:** 63 113; **Gols:** Goicoechea 14 do 1º; Klinsmann 2 do 2º; **Cartão amarelo:** Abelardo, Salinas, Hierro e Effenberg
ALEMANHA: (1) Illgner, (2) Strunz, (10) Mathäus e (4) Kohler; (8) Hassler, (14) Berthold, (3) Brehme, (20) Effenberg e (16) Sammer; (7) Möller ((Völler 16 do 2º) e (18) Klinsmann. **Técnico:** Berti Vogts
ESPANHA: (1) Zubizarreta, (2) Ferrer, (18) Alcorta, (5) Abelardo e (6) Hierro; (21) (9) Guardiola ((4) Camarasa 31 do 2º), (12) Sergi e (15) Caminero; (7) Goicoechea ((10) Bakero 19 do 2º), (19) Salinas e (21) Luis Enrique. **Técnico:** Javier Clemente

23/junho/94
CORÉIA DO SUL 0 X BOLÍVIA 0
Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Leslie Williams Mottram (Escócia); **Público:** não divulgado; **Cartão amarelo:** Ko Jeong Woon, Jung Bae Park, Shin Hong Gi, Cristaldo, Rimba e Baldivieso; **Expulsão:** Cristaldo 38 do 2º
CORÉIA DO SUL: (1) Choi In Young, (20) Hong Myung Bo, (4) Kim Pan Keun, (6) Young Jim Lee e (5) Jung Bae Park; (10) Ko Jeong Woon, (7), (8) Noh Jung Yoon ((12) Young Il Choi 25 do 2º) e (18) Hwang

FOTOS REUTER

Argentina dá a volta por cima e goleia Grécia: Batistuta (9) comemora com Cáceres um dos três gols

Colômbia: malas quase prontas

Nada deu certo: contra os Estados Unidos, Escobar faz contra

A empáfia perdeu. E perdeu de goleada nesta Copa do Mundo. Depois de estar nas manchetes dos principais jornais do planeta como favorita ao título do Mundial nos Estados Unidos, a Colômbia surpreendeu até mesmo seus torcedores com um futebol medíocre e de muita firula, e está a um passo do caminho de volta. Nas duas partidas que já realizou, perdeu ambas: para a Romênia de 3 x 1 e para os Estados Unidos por 2 x 1. Considerados craques nas equipes que defendem, Valderrama, Rincón e Asprilla não conseguiram triangular boas jogadas em campo. Sem objetividade, o futebol colombiano se resumiu a incontáveis toques laterais no meio-campo e alguns míseros lançamentos pelo lado direito.

Nem de longe pareciam os jogadores que feriram o orgulho argentino com impiedosos 5 x 0 em Buenos Aires, pelas Eliminatórias. O time que era para ser uma sensação no Mundial acabou se transformando no primeiro candidato a ficar de fora das oitavas-de-final. Se a má fase persistir, a Colômbia pode selar sua participação sem carregar nenhum ponto na bagagem de volta. Caso ganhe da Suíça domingo, ainda terá de torcer por uma goleada norte-americana sobre a Romênia. Um vexame!

Obs.: os números entre parênteses são os das camisas dos jogadores

que marcou

Diego comanda destino portenho

A Argentina mudou todos os prognósticos até então desenhados quanto à sua participação no Mundial dos Estados Unidos. Quem esperava um time retrancado, contando apenas com os rápidos Caniggia e Batistuta no ataque, queimou a língua. Superando todas as expectativas quanto ao seu precário preparo físico, o craque Maradona permaneceu em campo até os 38 minutos do 2º tempo, comandando a equipe portenha no massacre imposto sobre a fraca Selecão grega. Com três gols de Batistuta e um do próprio capitão Maradona, a Argentina não perdoou a pouca intimidade dos gregos com a bola e chegou fácil aos 4 x 0. Só não fez mais por pura falta de sorte. Partiu para cima e jogou no ataque quase o tempo todo. Estreou bem e, de quebra, melhorou o clima com a imprensa que, irritada com os resultados dos amistosos antes da Copa, vinha criticando o time com rigor. Há quem diga, é certo, que não se pode avaliar a força de uma equipe que enfrenta um adversário do nível da Grécia. Mas também é inegável que Alfio Basile fará de tudo para levar seu time à Final. Os torcedores, até então desconfiados, recuperaram o otimismo. Tanto que sairam às ruas do país para comemorar a bela estréia. Quem ainda duvida que a Argentina reencontrou de vez o seu futebol, jogando para frente e mostrando sua garra e categoria históricas, pode acompanhar sua segunda participação no Mundial, neste sábado contra a Nigéria, que também goleou a Bulgária por 3 x 0. Teste melhor, não há.

Sun Hong; (9) Kim Joo Sung e (11) Seo Jung Won ((16) Choi Monn Sik 19 do 2º). **Técnico:** Kim Ho
BOLÍVIA: (1) Trucco, (4) Rimba, (5) Quinteros, (3) Sandy e (15) Soria; (6) Borja, (21) Erwin Sánchez), (8) Melgar e (22) Baldivieso; (18) Ramallo ((9) Alvaro Peña 21 do 2º) e (16) Cristaldo. **Técnico:** Xabier Azkargorta

GRUPO D

21/junho/94
ARGENTINA 4 x GRÉCIA 0
Local: Foxboro (Boston); **Juiz:** Arturo Angeles (EUA); **Público:** 53 486; **Gols:** Batistuta 2 e 44 do 1º; Maradona 15 e Batistuta (pênalti) 46 do 2º; **Cartão amarelo:** Manolas, Cáceres, Tsalouchidis
ARGENTINA: (12) Islas, (6) Ruggeri, (3) Chamot e (13) Cáceres; (4) Sensini, (5) Redondo, (10) Maradona ((17) Ortega 38 do 2º), (14) Simeone; (19) Balbo ((21) Mancuso 35 do 2º), (9) Batistuta e (7) Caniggia. **Técnico:** Alfio Basile
GRÉCIA: (1) Minou, (2) Apostolakis, (3) Kolitsidakis, (4) Manolas e (5) Kalitzakis; (6) Tsalouchidis, (11) Tsiantakis ((12) Marangos, intervalo) e (8) Nioplias; (19) Kofidis, (7) Saravakos e (9) Machlas ((10) Mitropoulos 14 do 2º). **Técnico:** Alketas Panagoulias

21/junho/94
NIGÉRIA 3 x BULGÁRIA 0
Local: Cotton Bowl (Dallas); **Juiz:** Rodrigo Badilla (Costa Rica); **Público:** 44 132; **Gols:** Yekini 21 e Amokachi 43 do 1º; Amunike 9 do 2º; **Cartão amarelo:** Amunike e Lechkov
NIGÉRIA: (1) Rufai, (2) Eguavon, (5) Okechukwu, (3) Iroha e (6) Nwanu; (7) Finidi ((13) Ezeugo, 32 do 2º)), (12) Okocha ((21) Mutiu, 23 do 2º), (11) Amunike e (15) Oliseh; (9) Yekini e (14) Amokachi. **Técnico:** Clemens Westerhof
BULGÁRIA: (1) Mikhailov, (2) Kremenliev, (3) Ivanov e (4) Tzvetanov; (5) Hubchev, (6) Yankov, (9) Lechkov ((10) Sirakov, 13 do 2º), (20) Balakov e (11) Borimirov ((13) Iordanov, 27 do 2º); (8) Stoichkov e (7) Kostadinov. **Técnico:** Dimitar Penev

GRUPO E

23/junho/1994
ITÁLIA 1 X NORUEGA 0
Local: Giants Stadium (Nova Jersey); **Juiz:** Hellmut Heinz Krug (Alemanha); **Público:** 74 624; **Gol:** Dino Baggio 23 do 2º; **Cartão amarelo:** Casiraghi, Haland e Bjornebye; **Expulsão:** Pagliuca 21 do 1º
ITÁLIA: (1) Pagliuca, (3) Benarrivo, (4) Costacurta, (6) Baresi ((2) Apolloni 3 do 2º) e (5) Maldini; (13) Dino Baggio, (11) Albertini e (10) Baggio ((12) Marcheggiani 22 do 1º); (14) Berti, (18) Casiraghi ((19) Massaro 23 do 2º) e (20) Signori. **Técnico:** Arrigo Sacchi
NORUEGA: (1) Thorsvedt, (18) Haland, (4) Bratseth, (20) Berg e (5) Bjornebye; (6) Flo, (22) Bohinen, (7) Mykland ((10) Rekdal 35 do 2º) e (8) Leonhardsen; (21) Rushfeldt ((11) Jacobsen, no intervalo) e (9) Fjortoft. **Técnico:** Egil Olsen

GRUPO F

20/junho/94
HOLANDA 2 X ARÁBIA SAUDITA 1
Local: Robert F. Kennedy Memorial (Washington); **Juiz:** Manuel Díaz Vega (Espanha); **Público:** 52 535; **Gols:** Amin 17 do 1º; Jonk 5 e Taument 41 do 2º; **Cartão amarelo:** Al Dosari, Jawad, Van Gobbel, Amin e Frank de Boer
HOLANDA: (1) De Goeij, (2) Frank de Boer, (4) Koeman e (14) Van Gobbel; (3) Rijkaard, (6) Wouters, (8) Jonk e (9) Ronald de Boer; (7) Overmars ((17) Taument 13 do 2º), (10) Bergkamp e (11) Roy ((19) Van Vossen 36 do 2º). **Técnico:** Dick Advocaat
ARÁBIA: (1) Al Deayea, (3) Al Khlawi, (2) Al Dosari, (13) Jawad, (5) Madani e (6) Amin; (8) Al Bishi, (16) Jebrin e (10) Owairam ((19) Saleh 23 do 2º) ; (14) Al Muwallid, (9) Abdullah ((20) Falatah 46 do 1º). **Técnico:** Jorge Solari

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Thomaz Souto Corrêa

DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO: Carlos Roberto Berlinck
SECRETÁRIO EDITORIAL: Celso Nucci
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Dalton Pastore Júnior
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Edvard Ghirelli
DIRETOR EDITORIAL ADJUNTO: Ricardo A. Setti
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLES: Valter Pasquini
DIRETOR DE SISTEMAS: Vanderlei Bueno

PLACAR

DIRETOR DE REDAÇÃO: Juca Kfouri
REDATOR-CHEFE: Sérgio F. Martins
DIRETOR DE ARTE: Haroldo Jereissati
EDITOR: Mauro Cezar Pereira
REPÓRTERES: Paulo Vinicius Coelho, Manoel G. Coelho Fº
CHEFE DE ARTE: Jonas Aquino Plaça
DIAGRAMADORES: José Jonas de Lima, Rosalina Sasaki
FOTÓGRAFO: Nélson Coelho
COORDENADOR DE PRODUÇÃO: Sebastião Silva
ATENDIMENTO AO LEITOR: Rodolfo Martins Rodrigues

APOIO EDITORIAL

GERENTE DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo
DIRETOR DE SERVIÇOS FOTOGRÁFICOS: Pedro Martinelli
GERENTE ABRIL PRESS: Judith Baroni
GERENTE NOVA YORK: Grace de Souza
GERENTE PARIS: Pedro de Souza

PUBLICIDADE

ATENDIMENTO DE AGÊNCIAS
GERENTES DE GRUPO: Celso Marche, Roberto Nascimento
GERENTES EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS: Paulo D'Andrea, Angelo Derenze, Antonio Carlos de Campos, Dario Castilho de Azevedo, Mariane Ortiz, Pedro Bonaldi, Moacyr Guimarães, Elian Trabulsi, Rogério Gabriel, Claudio Bartolo (RJ), Márcia Alvaredo (RJ), Rogério Ponce de Leon (RJ)
GERENTE PARA ANUNCIANTES DIRETOS: Paulo Renato Simões (RJ)
GERENTES DA CENTRAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE DIRETOS: Alderlei Cunha, Alberto Simões
GERENTE DE ESCRITÓRIOS REGIONAIS: Marcos Venturoso
DIRETOR DE ADM. E PLANEJ.: Rodinaldo Escocard de Souza

CIRCULAÇÃO

DIRETOR DE VENDAS AVULSAS: Eduardo Macedo
DIRETOR DE VENDAS DE ASSINATURAS: Vicente Argentino
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Nelson Romanini Filho

PUBLICAÇÕES

DIRETOR: Carlos Herculano Ávila

DIRETOR BRASÍLIA: Luiz Edgard P. Tostes
DIRETOR RIO DE JANEIRO: Luiz Fernando Pinto Veiga

PRESIDENTE: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTES: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, José Wilson Paschoal, Placido Loriggio, Thomaz Souto Corrêa

A Copa na Telinha

A programação das TVs de 25/6 a 29/6

BANDEIRANTES

25/6	13h30	**Bélgica x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
25/6	17 horas	**Argentina x Nigéria** (Grupo D)	**Vivo**
25/6	20h30	**Arábia Saudita x Marrocos** (Grupo F)	**Vivo**
25/6	22h30	Apito Final	
26/6	13h30	**Bulgária x Grécia** (Grupo D)	**Vivo**
26/6	17 horas	**Colômbia x Suíça** (Grupo A)	**Vivo**
26/6	19 horas	**EUA x Romênia** (Grupo A)	**VT**
26/6	21 horas	Apito Final	
27/6	11 horas	Flash	**reapresentação**
27/6	12h30	Esporte Total	
27/6	13h30	Compactos dos jogos da semana	**VT**
27/6	17 horas	**Alemanha x Coréia do Sul** (Grupo C)	**Vivo**
27/6	20h30	**Bolívia x Espanha** (Grupo C)	**VT**
27/6	22h30	Apito Final	
28/6	1 hora	Flash	
28/6	11 horas	Flash	**reapresentação**
28/6	12h30	Esporte Total	
28/6	13h30	**Itália x México** (Grupo E)	**Vivo**
28/6	17 horas	**Brasil x Suécia** (Grupo B)	**Vivo**
28/6	20h30	**Rússia x Camarões** (Grupo B)	**VT**
28/6	22h30	**Brasil x Suécia** (Grupo B)	**VT**
29/6	0h10	Apito Final	
30/6	2h30	Flash	

CULTURA

25/6	10h30	Grandes Momentos do Esporte
26/6	22 horas	Cartão Verde

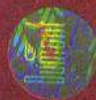
GLOBO

25/6	12h10	Globo Esporte	
25/6	13h15	**Bélgica x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
25/6	15h35	Esporte Espetacular	
25/6	16h45	**Argentina x Nigéria** (Grupo D)	**Vivo**
26/6	16h45	**Colômbia x Suíça** (Grupo A)	**Vivo**
26/6	0 hora	Placar Eletrônico	
27/6	12h10	Globo Esporte	
27/6	16h45	**Bolívia x Espanha** (Grupo C)	**Vivo**
28/6	12h15	Globo Esporte	
28/6	13h35	**Itália x México ou Eire x Noruega** (Grupo E)	**Vivo**
28/6	17h05	**Brasil x Suécia** (Grupo B)	**Vivo**

SBT

25/6	13h20	**Bélgica x Holanda** (Grupo F)	**Vivo**
25/6	16h50	**Argentina x Nigéria** (Grupo D)	**Vivo**
26/6	8h30	Esporte Mágico	
26/6	13h20	**Bulgária x Grécia** (Grupo D)	**Vivo**
26/6	16h50	**Colômbia x Suíça** (Grupo A)	**Vivo**
26/6	0 hora	SBT Esporte	
27/6	0h45	**EUA x Romênia** (Grupo A)	**VT**
27/6	16h50	**Alemanha x Coréia do Sul** (Grupo C)	**Vivo**
27/6	23h30	Jô Soares na Copa	
28/6	0h30	Resumo da Copa	
28/6	1h30	**Bolívia x Espanha** (Grupo C)	**VT**
28/6	3 horas	Perfil	
28/6	13h20	**Itália x México** (Grupo E)	**Vivo**
28/6	16h50	**Brasil x Suécia** (Grupo B)	**Vivo**
28/6	23h30	Jô Soares na Copa	
29/6	0h30	Resumo da Copa	
29/6	1 hora	Perfil	**VT**

Obs.: Todos os telejornais apresentarão reportagens sobre a Copa.
Os programas Flash, Perfil e Jô Soares serão transmitidos dos EUA.
A TV Cultura e as TVEs transmitem a mesma programação em rede nacional, exceto para o Rio de Janeiro.

Denison/BSB

NÃO ESQUENTE A CABEÇA. USE BARDAHL RAD COOL NO RADIADOR.

Bardahl Rad Cool é um componente essencial para água de radiador. Protetor e anticongelante, Rad Cool aumenta o poder refrigerante da água. Para não ficar de cabeça quente, faça como eu. Use sempre Bardahl Rad Cool.